INSTITUTO FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

JOANA GABRIELA SOARES FREITAS

ESTUDOS DE PAZ NA NOVA ORDEM: DOS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS AOS ESTUDOS TRANSVERSAIS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SEGURANÇA INTERNACIONAL
Linha de Pesquisa: Estudos de Paz

JOÃO PESSOA - PB
2024

RESUMO

Os Estudos sobre a Paz, são historicamente conhecidos por seus pensamentos críticos, representando um modelo de interpretação acerca dos fenômenos da paz e da guerra, antecedendo o próprio século XXI. Assim, diante da crescente importância de se compreender os pensamentos a luz das discussões que dominaram os estudos no contexto internacional, o trabalho terá como propósito delinear um caminho que forneça uma visão mais completa da lógica conflituosa de guerra e paz, realizando um levantamento de seu processo genealógico, a fim de privilegiar a compreensão destes pensamentos, e assim questioná-los enquanto objeto de representação e reprodução de ideias. Os estudos para a paz serão abordados por meio de uma perspectiva teórico-conceitual que apresentará seus elementos constitutivos através de suas origens e concepções. De uma forma geral, abordará sobre os princípios que fundamentaram a construção das ideias de paz numa perspectiva filosófica.

PALAVRAS - CHAVE: Fundamentos Filosóficos. Perspectiva Histórica. Estudos de Paz. Relações Internacionais.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios dos estudos filosóficos, a paz é interpretada como um símbolo de justiça e de equidade, sendo expressada através do equilíbrio entre a natureza e a pólis[1], e, por ser apenas associada a uma simples noção de harmonia, tornou-se demasiadamente vaga em seu significado. Observou-se que a partir da evolução de seus estudos, surgiram diferentes interpretações deste mesmo termo, e com o tempo, seu sentido tornou-se limitado, remetendo a uma simplificação da ideia de paz, e consequentemente a sua compreensão como um simples objeto de estabilidade e equilíbrio, sendo apenas entendida ou associada, mas não definida cientificamente. Diante disto, o presente estudo se dá no sentido de análise das perspectivas filosóficas e suas contribuições para os estudos de paz, por meio das influências que hoje permeiam os diversos conceitos de paz desenvolvidos até aqui.

Assim, na busca por planificar o caminho pelo qual passaram as lentes filosóficas mais importantes da história ocidental, o que de fato é um dos aspectos mais relevantes do trabalho, trataremos sobre sua evolução, e se é possível chegar a um cruzamento destas ideias. Que estas lentes possam contribuir tanto para uma ampliação do aspecto aparente do termo, como para a construção de um futuro onde se tenha um referencial de paz que, de fato, possa ser utilizado pelas futuras gerações.

Conforme assevera Galtung[2] (1964), compreende-se por conceito de paz, a ausência da guerra. Mas, embora esta premissa nos pareça insípida, remete a reflexões sobre o que é a paz e como alcançá-la. Partindo então de uma análise em que na história humana, a guerra é uma característica constante da vida, e que apesar da paz ter sido demonstrada como um valor profundo e complexo, tornou-se cada vez mais questionável, como aliás foi por todos os principais filósofos ocidentais no passado, este valor ainda hoje é ignorado em vista de guerras pelo indivíduo.Nesse caso faz-se necessário a busca por uma clareza sobre como foi construída esta ideia que nos antecede há séculos. Além disso, uma nova compreensão pode ser urgentemente necessária, em vista da limitação existente advinda originalmente da hegemonia que domina os pensamentos dos estudiosos de paz, e muito embora esta hipótese não se

---

[1]Polis: cidade autônoma e soberana, cujo quadro institucional é caracterizado por uma ou várias magistraturas, por um conselho e por uma assembleia de cidadãos (*politai*). Dicionário de política. p.949. 2010.

[2]Johan Galtung nasceu em 24 de outubro de 1930 na cidade de Oslo, Noruega. Formou-se em Matemática e Sociologia na Universidade de Oslo. Ver artigo: Violencia, guerra y su impacto. Sobre los efectos visibles e invisibles de la violência. pp. 1-29. 2004.

encaixa dentro das previsões das teorias sociais que dizem que a sociedade baseia-se na 'paz e no consenso' talvez, essa falta de correlação entre a realidade e um ideal buscado, seja reflexo de um desequilíbrio, uma crise na compreensão da guerra e da paz. A falta desta compreensão é o que resulta de uma aceitação de suposições não questionadas sobre o que é de fato negativo e o que é de fato positivo. A relação entre a guerra/paz é o ponto de partida para conceptualização.

GUERRA/PAZ: AS ORIGENS HISTÓRICO-FILOSÓFICAS

Atualmente, um dos grandes desafios acerca do conceito da paz tem sido a procura por uma definição desvinculada dos conceitos de guerra/conflito/violência. Nesse sentido, busca-se aqui por uma aproximação da real definição de paz através dos pressupostos que cerceiam sua compreensão, que ao contrário das definições predominantes até o momento, demonstre o que ela não é (RIZZI, 2008, p.69). Em outras palavras, a grande dificuldade tem sido dizer o que a paz é, e não o que ela não é (não é guerra, não é violência), como também qual é a sua natureza. Para isso, é necessário um esclarecimento acerca dos conceitos de natureza, paz e guerra. Primeiramente definir a partir de uma visão geral, o que é natureza, logo: é a *"essência ou condição própria de um ser"* (BUENO, 2007, p.534). Embora no pensamento ocidental a palavra natureza também possui diversos significados, dentre eles:

> "[...] Natureza se caracteriza pelo ordenamento dos seres, pela regularidade dos fenômenos ou dos fatos, pela frequência, constância e repetição de encadeamentos fixos entre as coisas, isto é, de relações de causalidade entre elas. Em outros termos, a Natureza é a ordem e a conexão universal e necessária entre as coisas, expressas em leis naturais." (BUENO, 2007, p.534)

Em seguida, a paz é definida de forma mais sintética:

> "[...]a Paz não pode ser definida senão em relação e em estreita ligação com a definição de 'guerra'. Convém atentar no seguinte: enquanto entre dois termos opostos, um é frequentemente definido por meio do outro, como 'movimento' (ausência de repouso) ou 'repouso' (ausência de movimento), no caso dos dois opostos Paz - guerra, é sempre o primeiro que é definido por meio do segundo e nunca ao contrário." (BOBBIO. 2005, p.911)

Sendo a guerra definida de forma positiva, a paz é consequentemente definida de forma negativa como ausência da primeira (guerra e/ou não-guerra), o que remete a ideia de que o estado mais relevante é o estado de guerra. Essa concepção da paz como ausência da guerra ou violência/conflito pode ser constatada ainda nos dias atuais, embora críticas e visões opostas a este significado ainda mantenham-se no contexto desses estudos (FREIRE e LOPES, 2008, p.16). Diante disso, ainda existem diferentes perspectivas teóricas que abordam o tema de formas diferentes, a exemplo dos marxista-leninistas, que concebem três espécies de paz:

> "As duas inferiores que são concebidas de forma negativa (simples ausência de guerra), os marxista-leninistas designam-nas por imperfeitas, porque nelas a guerra pode sempre vir a ocorrer, e correspondem ambas à paz [...]. Das duas imperfeitas, a colocada num grau mais baixo corresponde à situação de tensão e hostilidade latente, como na guerra fria, e a no grau acima de normalização de relações e coexistência pacífica, na qual porém permanece a inevitável competição ideológica, como na détente. O grau superior, é o da única paz perfeita, a paz da qual nunca poderá resultar a guerra [...]." (SOUSA. 2005, p. 140)

Já na perspectiva de Aron[3], teórico que também analisou a questão do conceito de paz, centrou sua análise em três tipos:

> "[...] 'a paz de equilíbrio', que corresponde a situação em que, recorrendo as suas próprias forças ou através de aliados, os diferentes Estados dentro de um dado sistema, se dissuadem eficazmente de qualquer iniciativa para alterar o *status quo* pela violência armada; a 'paz de hegemonia', em que os Estados mais fracos se reconhecem impotentes para modificar a situação recorrendo à força armada, e os mais fortes ou hegemônicos não aspiram ao império, ou por insuficiente superioridade de poder, ou por razoes de regime ou de filosofia política; e a 'paz de império', em que o poder superior de um dos Estados se impõe decisivamente aos restantes, submetendo-os politicamente" (ARON, 2002, p. 221)

Aqui estes três tipos foram analisados por Aron com suas características e também com suas imperfeições, abrindo o caminho para discussões mais amplas e profundas acerca do mesmo conceito. Para o autor: *"o princípio da paz, não difere muito do princípio da guerra."* (ARON, 2002, p. 220), só que o grande problema de se chegar a uma concepção final, é a existência de pesquisas que procurem primeiro compreender suas origens filosóficas, pois na história da filosofia política é possível

---

[3] Raymond Aron, sociólogo norueguês que ao escrever a obra: *paz e guerra entre a nações,* considerava a ciência da paz e da guerra, o conhecimento das relações internacionais, pois serve como base para a diplomacia e a estratégia, os dois métodos complementares e opostos. E que a guerra pertence ao domínio social. 2002. p.53.

identificar pensamentos acerca da guerra, mas não especificamente voltadas para a construção de um pensamento de paz. Para isso, deve-se buscar compreender primeiramente, sob qual aspecto do pensamento do indivíduo a paz se coloca.

Partindo então de Kant[4], em que: *"a paz é um princípio moral*" (KANT, 2005, p.331), tal visão demonstra uma noção diferente da anteriormente exposta, visto que para que seja materializada a paz, esta deva ser primeiramente instituída, constituindo-se como um fator determinante para o fim dos conflitos/guerras. Mas, sob que sentido? Para isso é fundamental que se defina guerra. Pois é no sentido de natureza, que se tem em conta, quando se considera determinadas características naturais como as origens e causas de certos fatos e comportamentos individuais ou coletivos (RIZZI, 2008, p.70). É o que acontece com a interpretação da paz/guerra enquanto fenômenos próprios da natureza humana. Aqui, foi observado que só através do aprimoramento desta natureza, seria possível ultrapassá-la, sendo este estabelecido por meio de uma reeducação e da formação da consciência do indivíduo, pois como seres naturais, diferentes dos animais, não podem ser deixados por sua conta, visto que tenderiam a agressividade e destruição. E através do cultivo de um ideal de paz na sociedade seria possível estabelecê-la, a fim de aperfeiçoar a natureza do homem. Assim, de forma geral a paz seria: "*[...] situação de não guerra, resultante sempre de uma guerra precedente, e que engendra e explica a guerra seguinte, numa continuidade 'guerra e paz' que marca o ritmo profundo das relações entre as unidades políticas"* (KANT, 2005, p.140). Logo, definir a paz como não-guerra, faz com que a paz esteja sempre vinculada a noção de guerra, e consequentemente a natureza do homem. Observe que esta perspectiva, mesmo partindo de uma fonte que trata da natureza de uma forma vaga, demonstra o quanto este pensamento ainda é sustentado e defendido nos tempos atuais.

Para citar um exemplo mais específico, Dadoun[5] explicita que:

---

[4] Kant foi um dos mais importantes filósofos da era moderna, não era pacifista, mas um estadista. E seu trabalho sobre a *Paz Perpétua* deu um significado importante à ideia de lei internacional. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp. 331-336.

[5] Róger Dadoun, professor e filósofo. Escreveu um ensaio acerca da natureza da violência, para explicar seu posicionamento sobre os percursos da violência da alteridade e da identidade. As alteridades violentas estão em torno de um "eu" que se sente vitimado, atacado. Segundo ele, na vida cotidiana as coisas são percebidas mais ou menos desta maneira, tendo em vista que a vida diária se desenvolve sob uma grande quantidade de pequenas alteridades violentas. É a partir do outro, portanto, que ameaças, agressões, hostilidades e duros golpes atingem o homem fundamentando-se nele. De acordo com o autor, ao declarar o outro como detentor da violência, chega-se a uma medida identificadora em que só é possível descobrir a identidade pessoal quando se evacua no outro o mal, ou seja, o violento que cada um traz em si. Ver obra: *A violência: ensaio acerca do "homo violens"*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

> "Remontando às trevas do tempo, o extermínio é uma das práticas características do homo sapiens. Os massacres e os genocídios pontuam todo o curso da história. Homens, agrupados em torno de uma crença ou de um projeto, precipitam-se sobre seus semelhantes – mas semelhantes diferentes – para matá-los, matá-los em massa, matar o maior número possível [...]" (DADOUN, 1998, p.10).

Dadoun propõe a definição de *homo violens*, porque considera a violência uma característica essencial, e constituinte do homem. Para ele, não há qualquer aspecto da realidade humana que não esteja a ela associado. É o extermínio, obcecado pela quantidade, e pelo poder apresentando-se através das guerras. E embora a guerra seja uma violência institucionalizada e ritualizada, ainda assim pressupõe a busca da paz, pois também possui 'regras e leis'. Para compreender, basta lembrar dos genocídios promovidos por Hitler (NYE, 2009, p.120) em que o terror expressou-se através de atos de violência visando a um objetivo definido. Ou seja, é a violência colocando-se como subproduto de uma violência antecedente. É nesse sentido que Dadoun tratou da existência humana, acercando a realidade sobre a violência natural do homem, e o fato de a violência ser constatada ao longo da história dos seres humanos. De acordo com o pensamento do autor, a violência acompanha os seres humanos desde os primórdios da sua existência (DADOUN, 1998, p.11). E para explicar ou fundamentar a concepção de que a guerra e a violência são inerentes aos seres humanos, observou-se que os homens, durante toda sua história, sempre estiveram de alguma forma envolvidos em guerras ou recorrido à violência para resolver seus conflitos. E ainda, embora não se possa apontar quando exatamente se dá à origem de determinado ato violento, pode-se dizer que o indivíduo quando nega sua própria estrutura, considera que não só a violência é a violência do outro, como é o outro, que carrega em si a violência (RIZZI, 2008, p.72). A exemplo disso, o Aron explicita tal visão:

> "A guerra é de todas as épocas e de todas as civilizações. Os homens sempre se mataram, empregando instrumentos fornecidos pelo costume e a técnica disponível: com machados e canhões, flechas ou projéteis, explosivos químicos ou reações atômicas; de perto ou de longe; individualmente ou em massa; ao acaso ou de modo sistemático." (ARON, 2002, p. 219)

No decorrer da história, a propagação da violência pôde ser constatada pelo mundo, de forma visível, através de incontáveis casos de violência, como também em situações de Estados em que há a guerra declarada, logo, a utilização da violência no

percurso histórico da humanidade acabou por ser naturalizado, tornando-a legitima (BERGER e LUCKMANN, 1974, p.246), Este fato pode ser explicado, porque socialmente os seres humanos sempre viveram e se organizaram em culturas de guerra e da violência. Ainda assim, alguns estudiosos defendem a ideia de que a natureza do homem "ainda" pode ser modificada, a exemplo disso, Galtung[6] explicita:

> "Es necesario rechazar el malentendido popular que asegura que "la violencia es propia de la naturaleza humana". El potencial para la violencia, así como para el amor, son propios de la naturaleza humana; pero las circunstancias condicionan la realización de dicho potencial. [...] Las grandes variantes de la violencia pueden explicarse fácilmente em función de la cultura y estructura: violencia cultural y estructural causan violencia directa, y emplean como instrumentos actores violentos que se rebelan contra las estructuras y esgrimen la cultura para legitimar su uso de la violencia. Obviamente, la paz también debe construirse desde la cultura y la estructura, y no sólo en la "mente humana." (GALTUNG, 2004. p. 3)

Diante disto, pode-se observar que as reflexões sobre a paz e a guerra não foram recentes. Desde a antiguidade até os dias atuais, ideias foram trazidas advindas de pensadores das mais diversas áreas do conhecimento. Seria até muito arriscado dizer quem foi o primeiro a escrever sobre o tema. Contudo, os trabalhos sobre guerra/paz foram realizados, de forma similar, e complementar, ocasionando num entrelaçamento das várias perspectivas e consequentemente na mesma lógica de violência. Logo, diante do reconhecimento de uma cultura voltada para guerra, Galtung defendeu a possibilidade da construção de uma cultura voltada para a paz, onde nas sociedades em que a violência se manifesta de diversas formas a possibilidade da inserção de um pensamento voltado para uma cultura pacífica se colocaria com um grande movimento em oposição a isso, baseada em valores e atitudes voltadas para a interação social e disseminação de valores como igualdade, justiça e dignidade humana. Até então estas seriam a essência da paz. Muito embora, o fato de que a paz como símbolo de justiça, equidade, e equilíbrio da vida em sociedade, seja interpretada por vezes com relatividade e em função da guerra.

O que faz com que a paz seja de tão difícil interpretação, é o fato dela só ser desejada e buscada através de um centro do poder ou Estado, para ser mais clara através de uma concepção militarista. E isso faz com que o sentido da paz não esteja mais associado à justiça e ao equilíbrio, mas ao fenômeno da guerra. Assumindo uma

---

[6]Johan Galtung nasceu em 24 de outubro de 1930 na cidade de Oslo, Noruega. Formou-se em Matemática e Sociologia na Universidade de Oslo. Ver artigo: Violencia, guerra y su impacto. Sobre los efectos visibles e invisibles de la violência. pp. 1-29. 2004.

dimensão de segurança estabelecida sobre um sistema centralizado e expressando uma dimensão imperialista de si. Neste caso, carregando a ideia de tranquilidade e bem estar da tradição romana, como também de tradições religiosas, que influenciaram indelevelmente o pensamento ocidental. Sabe-se, no entanto, que estas mesmas tradições tiveram seus fundamentos derrubados, com o surgimento dos pensamentos filosóficos e com a necessidade de outras justificativas para a aspiração da humanidade pela paz. Se podemos dizer que um dia houve e ainda há uma filosofia para a paz, então por tarefa obrigatória, deveria ter se interrogado mais sobre o fenômeno da violência, para definir sistemas de valores (justiça, liberdade, autonomia, direitos humanos) a fim de garantir as condições de equilíbrio social de modo a manter a sociedade aquém do limite que marca o abandono. O homem precisa se retirar do estado de natureza, se permitir ultrapassar a violência original, para então mudar e com ele mudar a humanidade, para que esta tenha a possibilidade de resistir, e se reinventar.

A vontade de guerra: a lógica em "O homem lobo do homem"

De início, para tratar da paz, é preciso antes tratar da Guerra. Pois muito embora sejam conceitos difíceis de se delimitar, mesmo contrários, são complementares, no que concerne à existência humana. Sendo assim, para compreender o que é a guerra, primeiramente faz-se necessário buscar uma clareza sobre sua natureza, e quais pressupostos cerceiam a busca por seu entendimento. Para isso Heráclito[7], que considerava a guerra como a lei que regulava o mundo, e que independente do antagonismo dominante, sempre iria remeter a uma lei de harmonia. Segundo este autor, em sua tese, não poderia existir vida sem antagonismo, visto que coisas que se opõem para existir, necessitam uma da outra para estabelecer harmonia, assim como é a luz para clarear a escuridão. Segundo explicita: *"A guerra é pai de todas as coisas, de todas é o rei; revela uns como deuses e outros como homens, de uns faz escravos, e de outros homens livres"* (HERÁCLITO, 1969, p. 20). Na perspectiva de Heráclito, a guerra foi encarada como a própria figura do conflito que ela representa e que tem uma dimensão para além do domínio metafórico, caracterizando a expressão máxima da divergência e do conflito, sendo este essencial e indispensável. Note que isso constituiu-se como uma

[7] Heráclito de Éfeso (cerca de 540-480 a.c.), teórico que em sua filosofia desafiou a mentalidade comum, refletindo sobre a própria existência e sobre a razão que governa todas as coisas. O autor considera a guerra como uma experiência formativa do ser humano. Ubaldo. 2005, pp. 17-20.

importante influência e concepção nos estudos de guerra, pois implicou em seus termos, que a guerra por ser uma solução radical e extrema, ainda assim privilegia a paz, e que a paz nada mais é do que a não-guerra. Nesse sentido, entende-se que sempre irão existir guerras entre opostos, visto que é a partir disto que nasce a conciliação e a harmonia.

Assim, na busca pelo entendimento do sentido da guerra, compreendeu-se algumas definições, tais quais como a dos escritos de Heráclito. No entanto Maquiavel[8], também trouxe grandes contribuições acerca da compreensão da guerra, em que o grau de competência para guerra ou para paz constitui-se como algo essencial, e sob o qual está baseado todo o eixo da administração de um Estado e suas políticas, sejam elas para a paz ou para guerra. Segundo explicita Maquiavel, os homens: *"[...]são ingratos, volúveis, falsos, covardes, avarentos e, enquanto estão ganhando, eles estão com você, lhe oferecem o próprio sangue, os bens, a vida, e os próprios filhos [...]"* (MAQUIAVEL, 2011, p. 132). O que demonstra que estes atributos negativos compõem a natureza humana, e que o conflito é consequência de paixões e instintos malévolos, e como estes são impossíveis de se extinguir, logo é impossível extinguir os conflitos também, pois a natureza humana acompanha a história e repete-se continuamente, o que não justifica o uso da força, mas reitera que o uso da força é um dos alicerces do poder. Pois é nela que se fundamentam os jogos da política, e que faz com que as paixões tornem-se a virtude do homem, em que não cabe moralidade, nem ética, mas a subversão ou até mesmo a transmutação das concepções pacíficas. Hobbes também explicita esta visão:

> "O estado de natureza retrata a maneira pela qual os indivíduos, sendo o que são, se comportariam inevitavelmente se não houvesse nenhuma autoridade para obrigar ao cumprimento da lei ou do contrato. [...] Esse comportamento seria inevitavelmente uma luta incessante dos indivíduos, uns contra os outros, uma luta de cada um deles pelo poder sobre os outros. A intenção de Hobbes, claro, é mostrar que essas condições frustrariam inevitavelmente o anseio de todos os seres por "viver comodamente" e de evitar a morte violenta, e que portanto todo indivíduo ponderado deveria fazer o que fosse preciso para se proteger contra essas condições e que só a aceitação, por todos os indivíduos, de um poder soberano absoluto é suficiente para proteger contra elas" (HOBBES, 2003, p. 47).

Esta ideia nos leva a reflexão de que, se os homens fossem completamente bons, esses preceitos não se manteriam, visto que, no cerne da natureza humana não existe sociabilidade e nem amor advindo de forma natural, mas a busca por suprir suas

---

[8] Nicolau Maquiavel, teórico renascentista que tornou-se o primeiro a compor um manual político para quem governa. *Ibid.* pp.193-196.

necessidades e vícios. Para compreender, o próprio Hobbes[9] não via a natureza humana como algo definível, mas sim mutável, cíclica e racional dentro da sua totalidade. Para este autor, o homem em si é carregado de instintos e preconceitos (de raça, comunidade), esta percepção inclusive deu base à sua "teoria da natureza humana", e consequentemente para sua teoria política. Veja, sabe-se que os indivíduos são dotados da razão e, por isso, da previsão prática, logo eles desenvolvem estratégias e procuram se precaver através de quaisquer meios, contra possíveis ameaças. Estar sempre precavido, implica em fazer consideráveis esforços para sua segurança e com isso, surgem as estratégias de desconfiança ofensiva, o que aumenta esse posicionamento de maneira significativa à medida que os indivíduos passam a contar com o pior (previsão) antecipando-se à violência do outro e atacando-o, isso é o que aumenta as próprias possibilidades de sobrevivência; partindo então da lógica de Hobbes, o antecipar-se ao outro torna-se seguro, pois o confiar na intenção pacífica do homem tornou-se altamente irracional, visto que o ser racional é o servir aos próprios interesses (HOBBES, 2003, CAP. III).

Assim é a ideia de um estado de guerra, do ponto de vista hobbesiana, que esteve diretamente ligada a esta condição natural do homem, onde o indivíduo, visto de forma idealista como sociável e bom, nos impede de enxergar a verdade, e com isso identificar a natureza dos conflitos, posto que os conflitos derivam das paixões e do comportamento dos homens. Logo é preciso observar seu comportamento belicoso em determinadas situações, para compreender sua condição natural, condição esta, que já é uma pré-condição a guerra, posto que o homem se imagina continuamente na condição de perigo, cercado de desconfiança, de "guerra de todos contra todos", assim, defender-se através dos meios que houver é uma questão de sobrevivência. A exemplo disso, sobre o modelo hobbesiano: *"[...]o estado de natureza é uma condição de que a humanidade precisa absolutamente de sair; [...]. Contraposto ao estado de natureza, entendido como estado de guerra, o estado de Paz é a sociedade civilizada".* (HOBBES, 2005, p. 913)

Por causa desta lógica intrínseca e inevitável de 'antecipação da violência', é que o estado de natureza radicalmente contrapõe a visão da paz, pois nada seria mais racional do que a auto-preservação. Na visão hobbesiana a paz como um estado de

---

[9] Hobbes *(1588-1679*), filosofo inglês que dedicou sua vida aos estudos clássicos. Fez seu nome por meio da obra *Leviatã*, em que considerava o Estado um Deus mortal. Expressou-se através do mecanicismo cientifico e absolutismo político. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp.235-240.

*endstat*e, ou seja, fim da violência, guerra e miséria seria desinteressante. Hobbes considerava que esse fim (a paz) não era tão importante quanto a outra extremidade.

Em outro exemplo, Locke[10] também explicita seu pensamento acerca da guerra:

> "O estado de guerra é um estado de inimizade e de destruição; por isso, se alguém, explicitamente ou por seu modo de agir, declara fomentar contra a vida de outro homem projetos, não apaixonados e prematuros, mas calmos e firmes, isto o coloca em um estado de guerra diante daquele a quem ele declarou tal intenção, e assim expõe sua vida ao poder do outro, que pode ele mesmo retirá-la, ou ao de qualquer outro que se una a ele em sua defesa e abrace sua causa; é razoável e justo que eu tenha o direito de destruir aquele que me ameaça com a destruição. Segundo a lei fundamental da natureza, que o ser humano deve ser preservado na medida do possível, se nem todos podem ser preservados, deve-se dar preferência à segurança do inocente; você pode destruir o homem que lhe faz guerra ou que se revelou inimigo de sua existência, pela mesma razão que se pode matar um lobo ou um leão: porque homens deste tipo escapam aos laços da lei comum da razão, não seguem outra lei senão aquela da força e da violência, e assim podem ser tratados como animais selvagens, criaturas perigosas e nocivas que certamente o destruirão sempre que o tiverem em seu poder" (LOCKE, 2005, p.39).

A partir desse pensamento, pode-se notar que as guerras são fatores que contribuíram não só para a construção do pensamento hobbesiano acerca do estado de natureza, como também a constante que marca de fato a natureza do homem, embora também contribua para a formação de ideais pacifistas e consequentemente pensamentos cosmopolitas[11]. Locke, foi um dos que abraçaram esta causa, ao final do século XVII. Tanto Locke quanto Rousseau, reconheceram o papel importante da guerra na política.

Rousseau[12] Por sua vez, sustentava que somente por meio de um acordo e da subordinação do homem, este superaria sua natureza e evitaria uma situação de conflito, estabelecendo uma vida pacífica. Mas ainda assim, não seria garantia posto que as relações de poder são instáveis, cercadas de desconfianças e disputas. A própria situação de guerra é o produto desta instabilidade, ou seja, nada pode nos garantir uma condição

---

[10] Locke *(1632-1704)* filósofo e teórico da democracia moderna, defendeu o liberalismo em oposição ao absolutismo de Hobbes. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp. 268-279.

[11] Cosmopolitismo: "doutrina que nega as divisões territoriais e políticas (pátria, nação, Estado), afirmando o direito do homem, particularmente do intelectual, a definir-se como cidadão do mundo." Ver: Bobbio, Norberto et el. 2010. p.295.

[12] Jean-Jacques Rousseau *(1712-1778)* filósofo que criticava a sociedade moderna. Para o autor, o indivíduo hipotético, que vive isolado no estado de natureza é superior ao civilizado do ponto de vista ético. Tornando-se melhor a partir do equilíbrio entre a natureza e o ambiente. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp. 302-315.

de paz contínua, pois esta condição depende da vontade dos homens, que é subproduto de suas paixões. Logo, a construção de uma ideia de paz, seria uma limitação a própria noção do que seja a paz, posto que, os conflitos, formariam evidências contundentes de que não evoluiu-se do ponto de vista da natureza e que ainda hoje vivemos no mundo regido por este estado (HOBBES, 2003, CAP. VIII).

Para Hobbes, um acordo com fins de uma convivência pacífica e cooperativa não seria possível. Tendo em vista que um simples acordo de paz não conduziria o homem para fora de seu estado de natureza, e não haveria quem garantisse que os indivíduos respeitassem um acordo geral de não violência, sem que com isso lucrem através da disponibilidade dos outros. Dentro desta lógica, o Estado que foi criado para afastar o *status naturalis* é, negativamente qualificado por este mesmo *status naturalis*, permanecendo em sua dimensão na luta pela autopreservação e assumindo a lógica de prevenção e suspeição que este desenvolveu (KERSTING, 2004, p. 2).

Segundo Hobbes:

> [...] cada soberano possui o mesmo direito de cuidar da segurança do seu povo que tem cada ser humano para cuidar da segurança do seu próprio corpo. E a mesma lei que prescreve aos homens o que têm que fazer ou deixar de fazer a respeito do seu comportamento mútuo, prescreve-o igualmente aos estados." (HOBBES, 2005, p. 269)

Sendo assim, "a paz hobbesiana" apoiou-se duplamente, para dentro e para fora, num estado de intimidação. E essa capacidade dupla de intimidação dá ao Estado a aparência de máquina pacificadora armada ao extremo, adaptando-o estrategicamente às condições da política de intimidação externa/interna. Essa lógica leva a noção de que o mundo entre os estados possui como alicerce de sua estrutura a guerra, e que isto não pode ser eliminado por qualquer ideal pacificador da desconfiança racional. Há assim, a ideia de que não se pode realizar mais do que um momento de paz entre estados de guerra, ou que não há uma ausência da guerra, segundo as condições hobbesianas.

Já a "paz kantiana" se coloca completamente em oposição, sendo o resultado de uma consequente modificação das relações conflituosas no mundo da liberdade interna/externa. A violência pode até ser característica da natureza dos homens e dos Estados, mas ainda assim a violência surgida destas relações poderia ser codificada e passível de resolução, visto que este mesmo mecanismo da natureza, seria capaz de produzir o efeito reverso.

GUERRA E PAZ: UM DUALISMO ESTRUTURAL

Depois de termos levantado os primeiros traços acerca dos pensamentos de paz e da guerra, é importante trazer também outras concepções, revelando os pensamentos que cercam a natureza deste fenômeno e abrindo para uma nova visão. A paz, atualmente, tem-se constituído num campo muito propício para discursos que são facilmente considerados de pequena relevância. E ao levantarmos uma discussão sobre a paz, percebe-se que estes se espelham hoje em alternativas para à violência, a paz como segurança e tranquilidade, mas sem o vigor e densidade de outras perspectivas.

Tradicionalmente, o conflito costuma ser encarado como o oposto da paz. No entanto, o conflito é visto aqui tanto como o fundamento da existência da sociedade como também do homem na sociedade. E como o homem é um ser dotado de razão e está continuamente em busca de uma felicidade que espera alcançar através da satisfação de suas paixões, ele raramente faz algo sem um propósito. Assim, tendo em si objetivos, e utilizando-se de meios que mesmo sendo inapropriados o farão atingir seus fins, o homem, não desperdiça sequer um pensamento pelo qual não vá colher alguma satisfação. Os conflitos são normais e não são necessariamente positivos ou negativos, são apenas produtos da resposta que o homem dá frente a estes fenômenos, é isso que os tornam construtivos ou destrutivos. Partindo então desta compreensão de conflitos, é que emerge a importância de se compreender em que sentido estes surgem, pois as lutas não buscam necessariamente a guerra, mas a mudança.

O fenômeno guerra-paz: A essência e causa na natureza humana

A busca pelo sentido da paz e da guerra, é realmente complexo, e embora na busca por uma definição, isto esteja ainda longe de ser alcançado, pôde-se observar que por algumas vezes a filosofia, segundo seus pressupostos, procuraram explicar os conceitos através de diferentes análises teóricas, buscando esclarecer a essência das coisas, seus significados frente ao mundo e através dele, como também o que as define. Logo, pensar no caso específico dos fenômenos da paz e da guerra, como também as causas de um em detrimento do outro, remete a um sentido de esclarecimento, a que isso conduz, e o que esta verificação traz de novo.

Assim, na tentativa de desvendar o que de fato comporta os conceitos em sua essência e causa, sua verificação tornou-se demasiada importante. Diante disso, é necessário a utilização de orientações que tenham como objetivo o critério da verdade e a utilização do senso prático. Assim, se colocam os pensamentos de Peirce[13] sobre os significados. Segundo o autor: *"o significado de um conceito é a consequência do que ele produz"* (UBALDO, 2005, p. 442). Logo, pensar no que comporta os sentidos de paz/guerra, tornou-se também importante. O fato é que ambos os termos (Paz/Guerra) não possuem capacidade explícita para se auto definirem de forma independente, o que constitui-se aqui, como uma das dificuldades na busca por uma compreensão, havendo só um ponto em comum, o finalismo existente em seus significados.

Descreve-se como finalismo, o resultado da relação existente entre a ação e o objeto que se busca. Nesse caso, pensar no pragmatismo como base para o entendimento de um conceito, se dá devido ao fato de que o realismo de Peirce, ao mesmo tempo que aponta os erros tanto do nominalismo[14] quanto do subjetivismo[15], expõe a crença na realidade do conhecimento, no sentido de explicar o que entendemos por verdade e o que de fato é a realidade de um objeto. E é nessa esfera de fatos reais, cuja existência independe das nossas opiniões, que Peirce afirma que o método científico deve nos orientar a compreender, uma vez que a verdade não se constitui a partir daquilo que pensamos que ela seja, mas como uma adequação ao real, isto é, pela repetitividade das consequências práticas previstas a partir de experiências. Logo, na medida em que o pragmatismo propõe-se como um método científico para determinar o significado de conceitos intelectuais, mesmo podendo ser contestado, Peirce nega a ideia de que o pensamento interprete a si mesmo, pois vê o pensamento complexamente estruturado numa relação, em que algo significa alguma coisa para alguém de alguma maneira. E este seria o caráter relacional do pensamento (UBALDO, 2005, p. 441).

É exatamente no sentido de esclarecer esta noção de significação, que recorrer a esta prática científica, demonstra-se importante, visto que pensar no significado de paz/guerra é pensar nas consequências que estes carregam em si, e que estas

---

[13] Charles Sanders Pierce *(1839-1914)* foi o fundador da doutrina filosófica do pragmatismo. Seu modelo baseava-se na ideia de clareza e entendimento acerca de um determinado conceito, através de suas consequência e práticas. Considerado uma doutrina por uns, e um método investigativo por outros, o modelo se opunha completamente aos dogmas, e as teorias artificiais. Para Pierce, as teorias são instrumentos e não respostas de uma investigação. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp. 440-448.

[14] Nominalismo é a doutrina que nega a existência real dos gêneros, aceitando somente a existência do individual e do particular. Bueno, Silveira, 2007, p. 542.

[15] Sistema filosófico que não admite outra realidade senão a do sujeito pensante. *Ibid*. 2007, p. 730.

consequências podem ser vistas com significados diversos (finalistas) para o indivíduo, sendo caracterizadas como objetos, um em detrimento do outro. Existe um finalismo presente no estado de paz, pois este é um anseio do indivíduo frente aos conflitos, desta forma o homem a vê como resultado de uma guerra, o que faz com que existe também uma espécie de finalismo presente no estado de guerra, pressupondo consequentemente um estado de paz. Pois, se a guerra está para a paz, como a paz está para a guerra, então existe o consequente efeito de um sobre o outro. Esse efeito é obtido, através do conjunto de fatos humanos que caracterizam tais fenômenos por meio das significações, tanto a nível dos intérpretes como a nível das relações entre o indivíduo e os objetos referidos. Note que o efeito de ambos sobre o indivíduo, possui papel central, e é quem determina as consequentes ações e reações diante destes dois fenômenos (UBALDO, 2005, p.441).

Neste caso, percebeu-se que o pensamento de Peirce, materializou-se no sentido de que os termos demonstram-se com um mesmo significado, visto que em suas essências, reside um variante em comum: a força, que é vista como algo positivo. Seja ela através de um fim específico, um sentimento ou um simples estado, reduzindo-se apenas aos impactos que provocam no meio, mas mantendo elevado seu caráter intimamente prático. Isso é o que torna os termos conceitos práticos em sua essência e causa. A exemplo desta mesma compreensão, Clausewitz também afirmava que o pensamento acerca da essência dá esta noção, pois coloca como o coração da guerra, o uso da força, e neste um meio para se atingir a paz, causa/efeito/consequência. Nesse caso, a guerra como um ato de forçar o outro, na busca por um fim, expressa e delimita o fenômeno da guerra ao ato de força e da luta. O mesmo ocorre com a paz, no sentido de que um estado de paz nos motiva a compelir uma ação, em vista de um fim positivo, um fim que se torna o objeto de toda a ação.

No pensamento Aristotélico, estes termos são também compreendidos, como fenômenos transitórios, e que tem uma finalidade. Se buscarmos na filosofia, veremos que sua política, remete ao pensamento do homem como ser racional e moral, com tendência a viver tanto em prol da paz dentro de seu meio de convivência, como em guerra constante, e que esta tendência do comportamento humano comportava uma similaridade no que se refere a conduta conflitiva ou pacífica. Assim, observou-se que o objetivo da paz nas reflexões de Aristóteles[16], foram vistas somente como um fim, e que

[16] Aristóteles *(séc. IV a.c.)* filósofo grego, que buscava explicar o porquê das coisas serem como são, através do estudo da metafisica e da busca pela substancia. Acreditava que a essência do homem é a

a guerra foi encarada como uma ferramenta para atingir tal propósito, segundo explicita Aristóteles*: "[...] a guerra existe para a paz, e em vista dela"* (ARISTÓTELES, 2000, p.540). Desta forma, percebe-se que a questão da violência/guerra coloca o fenômeno da paz como algo intrínseco a ele, e consequentemente como um desafio ao próprio homem e também a filosofia. E se tudo na natureza tem uma causa final, a ideia da essência de um fenômeno, remete ao que ele é, a sua descrição mais íntima, e ao que permanece imutável, constituindo-se também como objeto de reflexão filosófica.

Especificar a paz/guerra não é tarefa fácil, visto que fazem parte da essência um do outro e como tal ambos são incapazes de produzir definições como dito, apenas que na possibilidade da causa do primeiro, exista a impossibilidade do segundo. Assim, é preciso perceber o porquê da natureza ser desta forma. Pois, segundo Aristóteles, filosofar acerca da causa é buscar continuamente a tudo que responde a um questionamento. Logo, o conhecimento sobre a causa é o que leva ao entendimento do porquê ocorrem determinados fenômenos. E para isso, é necessário que se compreenda a sua essência, especificidade, para consequentemente compreender a sua necessidade. Nesta junção de causa e essência, que se chega ao entendimento de um fenômeno.

Sob esta definição, a ideia de paz se coloca como um resultado transitório e resultante da guerra, e que não terá em si um fim, mas um outro início. E que pensar a paz como um fim remete a ideia de ilusão, pois segundo explicita Clausewitz: *"[...]é uma completa ilusão, o ideal é uma solução definitiva e satisfatória para qualquer problema bélico."* (CLAUSEWITZ,1972, p. 51). O que não quer dizer, que não se possa construir pensamentos e teorias acerca da paz e também da guerra. Baseando-se então na ideia de prática do autor, que muito foi apreciado por Aristóteles, pensar na guerra somente como causa e fim, é empobrecer de forma demasiada a temática da guerra. Sabe-se que existe uma linha tênue na fronteira entre guerra e paz, mas que mesmo diante disso, é necessário que se busque outras formas de ultrapassar o sentido comum atribuído a ambos, assim Bouthoul explicita:

> "A fronteira entre a guerra e a paz está sempre presente na discussão daquele conceito. Segundo o senso comum, a paz é vulgarmente entendida como sendo o posto de guerra ou a sua ausência. É assim que a define Bouthoul ao escrever que "guerra e paz" são as duas faces do mesmo Janus, o reverso e o anverso da vida social." (BOUTHOUL, 1951, p. 25)

---

racionalidade e que a reflexão filosófica não era útil para resolver os problemas cotidianos, mas era um ato para livra-se da ignorância. Ver: Antologia ilustrada de filosofia: Das origens à idade moderna. Nicola, Ubaldo. 2005. São Paulo, 2005. pp. 84-99.

A polemologia bouthouleana é uma "ciência sociológica das guerras, dedicada ao estudo de suas causas e prevenção. Bouthoul justificava a cunhagem do neologismo *"A ciência da guerra*" (BOUTHOUL, 1962, p.203) em grande parte ao fato de ser atribuída a estratégia, cultivada nas escolas militares. E conforme assevera Bouthoul, a guerra é um dos capítulos essenciais de todas as sociologias dinâmicas, no entanto numerosos obstáculos se opuseram a sua configuração científica. Um dos impedimentos que se coloca frente ao comprometimento da compreensão científica do fenómeno da guerra foram os diversos movimentos internacionais e proibicionistas da guerra. Pois estes estudos se colocam como uma explicação da história política da guerra sob uma nova luz. E segundo Bouthoul: *"se queres a paz, conhece a guerra"* (BOUTHOUL, 1962, p.203), pois sendo a guerra uma forma de violência, possui como característica essencial ser metódica e organizada frente aos grupos que fazem os caminhos que a levam. Além disso, ela é limitada no tempo e no espaço, e sujeita a regras legais que variam muito de acordo com o tempo e lugar. Todas estas características resultam da natureza organizada dos conflitos, sendo necessário conhecê-la, para combatê-la.

A CONSTRUÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PAZ: ESTUDO E ATIVISMO

A partir da visão de que a guerra é a maior ameaça para a sobrevivência da humanidade, os pensamentos que teorizaram acerca da paz incluíram a paz como força, como um equilíbrio de poder, como sinônimo de segurança coletiva, sem falar na paz como lei. Logo, o problema que é observado aqui como fundamentalmente importante, não é simplesmente a conceituação da paz, mas a conceituação de uma solução em vista da guerra, pois, para muitos dos nossos maiores pensadores de paz, tais como K. Boulding[17], e Galtung, a paz funciona para assegurar a prosperidade. Nesse sentido, a

[17] K. Boulding *(1910-1993),* foi um dos mais prestigiados e respeitados pacifista e militante, por suas análises teóricas e práticas de luta social. Procurou alcançar e defender a paz em todo o mundo. Como teórico do pacifismo, ele aplicou ferramentas de análise das ciências sociais para promover métodos pacíficos de resolução de conflitos. Entrou jovem na 'Sociedade dos Amigos' (Quakers). Os Quakers eram um grupo religioso fundado na Inglaterra por George Fox em *1652* e sempre se distinguiram por seu ativismo social em questões como o pacifismo e a igualdade. Eles foram os pioneiros na defesa pública da abolição da escravatura, na luta pela igualdade de direitos das mulheres e pela promoção da paz. As contribuições de Boulding para a ciência económica também foram significativas. Boulding viu o mundo e a sociedade humana como um sistema complexo e em constante mudança, logo junto com seu amigo, o psicólogo e matemático Anatol Rapoport fundou o *Centro de Investigação em Resolução de Conflitos*, editor da prestigiada organização *Journal of Resolução de Conflitos e da Associação Internacional de Pesquisa da Paz.* Ver obra: Contemporany Conflict Resolution: The prevention, management and transformation of deadly conflicts, capitulo 2, pp. 45-58, 2011.

procura por uma definição acerca deste conceito, no sentido mais filosófico, é raramente trazido para o contexto dos debates, e estes quando realizados sejam por meio de discussões ou por meio de uma simples menção, abrem uma janela para novas discussões sobre a possibilidade do exame da paz como um valor e não somente como a ideia tradicionalmente entendida (ausência de guerra). Segundo Boulding, *"a compreensão da paz continua a ser um dos grandes desafios intelectuais da mente humana"* (BOULDING, 1993).

Assim, sem discriminar as diversas concepções sobre a paz já empregadas até aqui, notou-se que por diversas vezes, os estudiosos do campo analisaram seus conceitos no sentido de buscar estabelecer uma base possível para se distinguir e identificar exatamente o estado de guerra do estado de paz, porém estas definições não facilitaram e muito menos visam a compreensão de fato do fenômeno e a determinação de cada um dos momentos recorrentes a que ambos são atribuídos, logo do ponto de vista substancial estes momentos foram perdidos, e perdidos na praxe de uma cultura que se em algum momento visou a paz, ainda procura por formas de estabelecê-la. Entende-se que o limite entre a paz e a guerra é vago, e que os estudiosos que durante muito tempo se ocuparam e ainda se ocupam, compreendem isto de forma plena, embora compreendam também que em sua acepção mais geral, não exista uma definição cientificamente válida, e tal conceito como um termo livre para ser colocado em prática, não só no sentido restrito das pesquisas sobre sua possíveis condições, deve também ser compreendido no sentido de ampliá-lo como vetor de um sistema de ordenamento que leve a civilidade, justiça e bem estar social.

Buscar evidenciar os aspectos essenciais do conceito, cria condições que levam ao pensamento de um estado de paz estável e duradoura. Sendo mais fácil para averiguar em que medida a evolução deste pensamento se dá, na busca por uma ampliação das ciência para a paz. Isso é de fato vital. Assim, verificou-se que esta longa, complexa e até conflituosa tentativa de conceptualização, mesmo entre os teóricos, não comporta uma definição única e absoluta. Pois quando se pensa em indivíduos com diferentes pensamentos, sejam eles orientais (de tradições hindus, budistas) ou ocidentais (islâmicas, judaicas, cristãs) (PUREZA, 2009), a paz enquadra-se como um conceito essencialmente contestado (GALLIE *apud* WILBERG, 2005), e sua busca ainda é constante. Verificou-se também, que no desenvolvimento de estudos sobre a paz, as pesquisas procuraram desenvolver-se onde foi possível analisá-la

como um ramo da ciência, tal como sua definição aqui. Mas ainda assim, se os atuais esforços de paz se mostram em risco de falha catastrófica, então os conceitos podem também necessitar de revisão. Visto que a incapacidade de fazer deste conceito claro, leva também ao seu fracasso na prática.

A paz se revelou cada vez mais difícil de se definir. E explicá-la tal como: "a paz não é a guerra" ou "não é conflito ", sugere reflexão acerca da relação entre as definições de paz e ações de paz. Definições ou conceitos de paz são a base sobre a qual decide-se como fazer a paz. Se eu defino a paz como não-guerra, então isso remete a ideia de buscar fazer a paz através da eliminação da guerra ou pelo menos atenuar a sua gravidade. Esta ideia acerca do significado de paz, baseia-se no fato de que, o que se faz para alcançar a paz vai depender de como ela é vista pelo indivíduo, considerando as diferenças culturais acerca deste mesmo conceito. E isto é só o início para dar seguimento a evolução do pensamento acerca deste fenômeno. Para isso, é necessário explorar melhor e de forma mais abrangente os aspectos da paz, para desenvolver seus conceitos, para que estes sejam bem sucedidos no sentido de fornecerem uma base para a construção de uma cultura pacificada.

A Evolução dos estudos conceituais sobre a pax

Pode-se dizer que o início do processo evolutivo dos estudos de paz, foram uma abertura para novos pensamentos e modalidades de estudos, pois permitiu em seu caminho o surgimento de uma ampla gama de questionamentos acerca dos pensamentos tradicionais, como também foi o início para que grandes eventos modificadores o constituíssem como o impulso inicial a renovação dos pensamentos clássicos sobre a natureza da guerra, e para a inserção de novas ideias no contexto tradicional dos estudos de paz. Assim, os estudos de paz e de guerra que originaram-se no chamado limiar da Segunda Guerra Mundial, criado na França durante os anos de 1945, foram através do *Institut Français de Polemologie* impulsionados pelo caminho da ciência. Nessa altura o objeto principal de pesquisa era o conflito e a ausência de conflito, representada pela *polemologia* (BOUTHOUL, 1946). Assim, tinha-se a paz como objetivo, mas a delimitavam ao âmbito das relações de conflito, pensando apenas na guerra e definindo a paz como simples “ausência do conflito”. Somente após o fim da Segunda Guerra que houve um incentivo aos estudos para a paz.

Uma das primeiras iniciativas para os estudos de paz[18] foi visto como um desafio à visão realista de interpretação da paz e da guerra e que remontou aos anos 50 (PUREZA E CRAVO, 2005), notadamente em 1952 quando o Instituto de Pesquisas Sociais de Oslo lançou um concurso de ensaios acerca da problemática entre a pesquisa científica e sua contribuição para solução pacífica de conflitos internacionais. Esse movimento intelectual acerca da paz e dos conflitos culminou no lançamento, em março de 1957, do *Journal of Conflict Resolution,* e em 1959 na criação do *Center for Research on Conflict Resolution,* na Universidade de Michigan.

Ainda como um desafio à visão realista sobre estudos de paz e guerra, surgiu em 1961 o *Canadian Peace Research Institute* e que publica, desde 1964, o *Peace Research Abstract Journal*, baseando-se na classificação das publicações sobre o tema. Esse mesmo Instituto publicou desde 1969 a *Peace Research*. Também em 1964 surgiu a *International Peace Research Association* (IPRA) na Inglaterra, que promove estudos interdisciplinares sobre as condições da paz e as causas da guerra, publicando de forma bimestral o *International Peace Research Newsletters*, fundado em 1963, onde se dão regularmente informações acerca das atividades de pesquisa sobre a Paz que se estão efetuando no mundo. Em 1966, na Suécia, surgiu o *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), que desde 1969 publica anualmente o *World armament and disarmament sipri yearbook.* O segundo passo do *Peace Research* foi caracterizado por uma visão positivista, onde o objeto de análise passa a ser a paz, tendo como fundador desse novo paradigma o norueguês Johan Galtung.

A visão de Johan Galtung, foi de grande importância na busca pela paz e segurança internacional, pois contribuiu para o surgimento de outras novas visões acerca da paz, indo para além dos estudos da dinâmica de poder, violência e conflito e que caracterizavam a paz como simples ausência de conflito. Isso ocorreu em 1959 a partir da criação do *Peace Research Institute Oslo* (PRIO) na Noruega, ganhando repercussão em 1964[19] com a criação do *Journal of Peace Research*, sendo que em 1966, essa linha de pesquisa tornou-se o *International Peace Research Institute.* Assim, com o propósito claro de adicionar profundidade a este breve panorama acerca das primeiras gerações dos estudos para a paz, notou-se que no campo da paz em sua

[18] Os estudos para a paz (*Peace Studies* ou *Peace Research*) são entendidos como a escola de pensamento que surgiu nas décadas de 1950/1960, com o intuito de entender as causas da guerra, como também as condições para a paz.

[19] Johan Galtung fala sobre as apresentações dos conceitos de paz positiva e paz negativa. Ver artigo: Editorial do Journal of Peace Research, 1964. Articles-1-4.

fundação, os precursores foram orientados por uma noção *estado-centrica* e que com sua expansão as abordagens passaram a olhar também para a sociedade civil, e não mais com uma lente centrada no Estado.

Em 1969, Galtung publicou o artigo "Violência, paz e investigação sobre a paz", gerando inúmeros questionamentos no meio científico ao abordar a paz como um estado para além da ausência de conflito, rompendo com o senso comum e o teoria que pesquisava e considerava a paz somente como ausência de conflito. Segundo Galtung (1969), as discussões acerca da ideia de paz deveriam seguir três linhas básicas: o conceito de paz deve ser consensual para o grupo social que a discute com fins objetivos; as metas sociais que envolvem a paz podem ser complexas, mas devem ser atingíveis e; a declaração de paz como ausência de conflito deve ser aplicada como válida. Nesse estudo, Johan Galtung ampliou o conceito de violência, o que o levou a também ampliar o conceito de paz, definindo a paz como um termo bilateral: a paz negativa, que é definida pela ausência de conflito; e a paz positiva, caracterizada pela ausência de violência estrutural e posteriormente pela quebra do triângulo da violência (PUREZA, 2000, p.39). A paz positiva foi vista como uma ambição por Johan Galtung, visto que caracterizava-se pela sua mutabilidade nos conflitos, suas diversas causas e consequências, logo também não foi possível chegar a uma definição de paz positiva, apenas tentar apontar as formas de como atingi-la.

A paz positiva foi pensada para representar uma ideia de sociedade harmonizada, no qual, para o autor havia tamanha centralidade no conceito de paz em sua proposta, que a hipótese de que a paz tem uma estrutura, refletiu diretamente em sua Teoria da violência estrutural, onde os conceitos sobre a paz e a guerra se relacionam de tal forma, que um não significa apenas a ausência do outro. Assim, com o alargamento da ideia de violência, Galtung (1969) apresentou seis distinções de violência:

I. Quanto a ação: para tratar sobre o corpo biológico e o que pode levar a morte ou gerar danos psicológicos; sobre a mente humana, tais como as lavagens cerebrais e doutrinamentos;
II. Quanto à abordagem: tratar das influências que impedem a capacidade plena do indivíduo em agir por si só, pois o indivíduo age punindo ou recompensando conforme o que sofre. Uma pessoa pode ser influenciada a ter uma conduta que seja de punição de determinados atos do outro. Ou pode recompensar o outro, após julgamento de que o que foi feito é correto. Nos dois casos um indivíduo pode ser

influenciado a determinado julgamento de valor, o que pode gerar a reflexão “do que seja violência e para quem?”.

III. Quanto ao objeto: Por exemplo, se utilizar de testes com armas nucleares, em que não se tem a violência física, mas pode-se obter uma violência psicológica. Aqui é necessário pensar na violência e entender o contexto do objeto;
IV. Quanto ao sujeito e a identificação se há um determinado indivíduo atuando violentamente de forma direta ou indireta. Quando há violência direta o sujeito é de fácil identificação, já quando a violência é indireta o sujeito não é claro, pois a violência indireta é causada por aspectos estruturais de uma sociedade;
V. Quanto à intenção: trata-se de quem foi e se foi intencional;
VI. E se é manifesta ou latente: Violência manifesta é quando é visível, e violência latente é quando não está visível, podendo ocorrer a qualquer momento, caracterizando uma situação instável.

É importante esclarecer que, para Galtung em seu primeiro momento de estudos:

> "Violence is here defined as the cause of the difference between the potential and the actual, between what could have been and what is. Violence is that which increases the distance between the potential and the actual, and that which impedes the decrease of this distance.” (GALTUNG,1969, p. 168)

Johan Galtung lidava bem com os conceitos de violência direta, violência indireta, paz negativa e paz positiva. Quando em 1990, o autor reformulou o conceito de violência como sendo "ofensas evitáveis às necessidades humanas básicas e à vida em geral, reduzindo os níveis de satisfação dessas necessidades abaixo do que é potencialmente possível" (GALTUNG, 1990, p. 292), introduzindo o conceito de violência cultural e chegando a concepção do triângulo da violência. Por violência direta entende-se o fato em si que gerou a violência, o ato intencional de agressão. É a violência visível, que envolve a violência física e suas atitudes armadas, concretizada pela ação violenta. Já a violência indireta ou estrutural são os comportamentos e atitudes sociais que regem o corpo social, podendo ser um conjunto de estruturas físicas ou aspectos organizacionais, geralmente estas decorrem de situações de repressão política, exploração econômica e alienação cultural, violando todos os requisitos de liberdade e bem-estar.

Apenas na década de 1990, diante de um novo contexto nas relações internacionais, que Galtung (1990) apresentou a evolução desse conceito, tratando-se do

terceiro tipo de violência: a violência cultural, sendo esta a que legitima a violência direta e violência estrutural. Logo, chegando-se ao conceito do triângulo da violência, Galtung ilustrou este triângulo como um iceberg, onde a ponta é visível e sua base invisível, comparando com a visibilidade da violência direta, e a invisibilidade das violências estrutural e cultural. Veja:

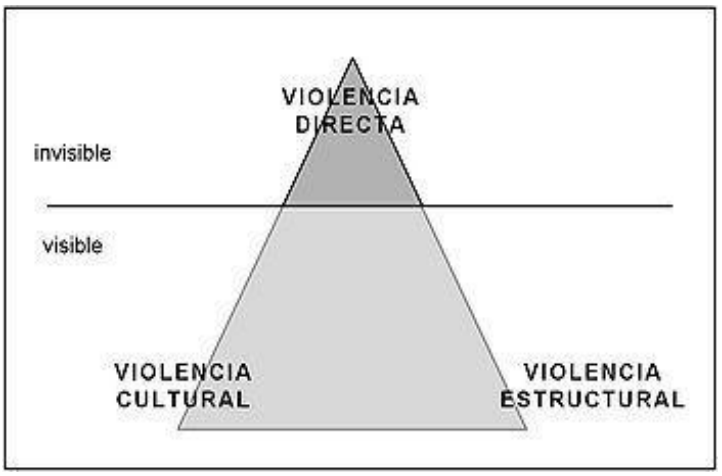

Figura 1: Triangulo da Violência[20]

Aqui, o triângulo da violência sustenta-se mutuamente e quando ocorre a quebra do vértice da violência direta, ou seja, da violência física e visível, ocorre o que Galtung denomina de Paz negativa. Entretanto, para se atingir a paz positiva é preciso que haja uma quebra dos outros vértices, visto que a violência invisível continua entre os membros da sociedade e a violência cultural continua legitimando as outras violências, podendo surgir a partir de qualquer uma das três pontas do triângulo da violência. Com a quebra destes três vértices, a alimentação mútua da violência seria quebrada e o meio atingiria a paz positiva, descrita por ele como sendo a integração da sociedade humana. O uso do termo violência cultural se deu no sentido de buscar uma conexão entre as investigações da paz e a política de identidade, que para Galtung seria a civilização sustentada pela cosmologia social, pela construção psicológica de sua personalidade (GALTUNG, 1981, p. 184).

Notou-se que o trabalho desenvolvido por Galtung, foi distanciando-se cada vez mais do paradigma realista e estatocêntrico, e assim definindo a paz como mais do que uma simples ausência, ampliando sua interpretação. Assim, neste contexto houve uma busca por acomodar o campo de estudos no mundo pós-guerra, por meio da construção

[20] Ver artigo: *Theory of Conflicts by Johan Galtung.* Revista de Paz y Conflictos. Vol. 2. 2009. pp.60-81. Acessar: http://www.ugr.es/~revpaz/tesinas/DEA_Percy_Calderon.html

de uma estrutura que ligasse a sociedade ao Estado, como também para além dos níveis internacionais, delineando um caminho para a próxima geração, e que representaria uma nova onda de teóricos, com a finalidade de refinar o campo a partir de novas ideias. O que significaria mais um passo importante no caminho de uma cultura pacífica (PUREZA, 2000, p. 40).

A retórica da paz e suas contribuições no Pós-Guerra

A partir da década de 1990, os estudos de paz tomaram ampla proporção em vista de sua promoção, compondo diversas alterações substanciais de acordo com seu contexto, e passando-se a incluir em seus estudos, dimensões setoriais para além da tradicional ideia de paz, e para além do contexto do Estado. É verdade que essa socialização foi enquadrada a várias modalidades de missões com vista à sua operacionalização, levando possivelmente a uma incoerência na natureza evolutiva das diversas abordagens, acerca de um entendimento do seja a paz. Como resultado disto, há uma problematização na sua análise conceitual, fator que persiste até a atualidade. Mas como é normal para um termo complexo, a paz possui um núcleo conceitual e teórico também complexo e que é substancialmente atribuído ao seu valor e os esforços para sua construção, assim embora ainda não se possa definir paz, sua essência revela-se substancialmente importante neste contexto, exceto, pelo fato de que ainda é definida negativamente como inversa ao discurso da guerra (PUREZA, 2005, p. 4).

Assim, partindo dessa observação compreendeu-se que o conceito de paz, anteriormente atribuído a apenas a 'ausência da guerra', é uma premissa que parece insípida e simplória, pois o termo paz possui bases mais profundas e que remete a uma necessidade de mais reflexões sobre si. Nesse sentido, é que a análise de Galtung demonstra o quanto a paz foi concebida pelo autor, com um valor profundo, mas que foi parcialmente ignorado em vista de guerras pelo indivíduo. E que muito embora se pudesse considerá-la associada a valores intangíveis, o que de certa forma a tornasse impossível de se delimitar do ponto de vista comum, ou até mesmo de se chegar a uma definição científica, por mais argumentos e evidências que se tenha, seria exatamente esse aspecto em aberto, que atribui ao conceito o valor necessário ao seu significado, estando este significado diretamente associado à construção de um pensamento

(GALTUNG, 2004, p.2). Para Kofi Annan[21], um autêntico conceito de paz iria além do que a ideia de simples ausência de guerra. E de acordo com seu postulado, pressupõe em sua dimensão uma forma de se alcançar fins e que envolve desenvolvimento social, político, econômico. Supondo-se um ambiente tranquilo e salvo de ameaças, que durante uma guerra seria impossível. Seria a existência de condições básicas estruturais. Sabe-se, que o conceito de Paz positiva desenvolvido por Galtung (1964), foi amplamente adaptado pelas Nações Unidas, que com as possibilidades e surgimentos de novas modalidades de guerra, integrou-o as suas ações de promoção para paz, originando subáreas que ampliaram a heterogeneidade dos campos de estudos.

Estas foram então divididas em três níveis: a primeira: no sentido de reformar o sistema político do mundo; a segunda: de promover políticas anti-guerras e pró-paz; e a terceira: para produzir metodologias que promovessem projetos de pacificação que abordassem o triângulo do conflito de Galtung. Diz-se:

> "A abordagem das Nações Unidas tem sido informada pelos Estudos da Paz no seu comprometimento para promover, não apenas através da manutenção da paz (paz negativa: ausência de guerra/violência), mas também pela promoção de condições estruturais para a paz (paz positiva: segurança humana). (GALTUNG, p. 10)"

Diante disso, e com o fim da Guerra Fria, a escola de pensamento que a princípio orientou os estudos para a paz, trouxe a primeira abordagem:

I. Peacekeeping: Foi projetada para inserir a presença das Nações Unidas no campo, até então com o consentimento de todas as partes interessadas. Esta primeira abordagem buscava manter as partes do conflito separadas, mesmo que com o auxílio de terceiros. Embora um dos principais problemas do peacekeeping, de acordo com Galtung, fosse o fato de que este funcionava apenas na minoria dos conflitos armados de sua época: "[...] aqueles entre iguais e sem elementos de dominação" (GALTUNG, 1976, p. 283-284).
II. Peacemaking: Foi projetada para levar um acordo às partes hostis, por meios pacíficos. Esta foi a segunda abordagem proposta pelo autor, e é entendida também como da resolução de conflitos, em que este buscava eliminar a própria

[21] Ver: Declaração de Kofi Annan no lançamento do Ano Internacional da Cultura da Paz: "a verdadeira paz é muito mais do que a ausência de guerra. É um fenômeno que envolve desenvolvimento econômico e justiça social." (2000)

fonte de tensão, deixando então que o "resto" "tome conta de si mesmo" (GALTUNG, 1976, p.290*)*. Segundo o autor, esta abordagem era problemática porque se baseava nos atores, ou seja na vontade destes atores, uma vez que a solução para um conflito armado dependia deste acordo já negociado e ratificado pelas partes envolvidas (GALTUNG, 1976, p. 296).

III. O peacebuilding: Esta abordagem buscava alcançar a paz a partir da identificação das estruturas, ou seja da remoção de situações que causem a guerra. Organizada também para promover a cooperação, afim de promover a confiança entre as partes, como também desenvolvimento social, político e econômico. Foi visto como uma prevenção contra violências futuras. Galtung apresentou esta terceira abordagem para a paz, baseando-se no entendimento de paz como uma estrutura.

Cabe ressaltar que as operações de Manutenção da Paz (*peacekeeping*), em que admitiu-se o uso da força em busca da paz, traçou a partir deste mesmo viés, um caminho contraditório, visto que utilizar-se da violência para se atingir a paz, leva a reflexão de como atingir uma paz positiva tendo como caminho a hostilidade da força, quando a paz só pode ser alcançada quando todos os atores se articulam na busca pelo fim de conflitos. E segundo explicita Azar[22]: "peace is development in the broadest sense of the term" (AZAR, 2005, p. 95). Logo, percebe-se que com o alargamento das áreas de estudos, e as ações realizadas, o conceito de paz tornou-se cada vez mais segmentado, inclusive influenciando nos estudos de segurança internacional.

A amplitude do modelo de Azar poderia até servir como a base para a compreensão da grande maioria dos conflitos, no sentido de concentrar-se nas limitações destes, bem como sobre as possíveis formas de os ultrapassá-lo. A segurança é vista por Azar principalmente como fonte de sobrevivência e bem-estar, tanto individual como coletiva, algo inerentemente bom, quase uma concepção de felicidade humana. Esta abordagem de Azar, se alinha de maneira bastante adequada com a abordagem da Escola de Copenhagen, baseada em três pilares de sustentação: a securitização, os setores e os complexos regionais de segurança. Sabe-se que os estudos

[22] Edward Azar, one of the forefathers of the conflict resolution field was the first to the describe violent events in the developing world as Protracted Social Conflicts. Azar abraçou a crença no potencial humano para a resolução pacífica de conflitos, e isto era parte integrante de sua teoria do conflito social. Ver artigo: Ramsbotham, Oliver. The analysis of protracted social conflict: a tribute to Edward Azar. Review of International Studies (2005), 31, 109–126.

de segurança, foram desenvolvidos por grandes pesquisadores do Instituto Copenhagen Peace Research (COPRI), incluindo Barry Buzan e Ole Wæver, colocando-se sem dúvida como algo inovador a possibilidade da reinterpretação dos estudos de segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que este estudo demonstrou é que a busca pelo entendimento acerca da paz requer não só uma infusão à antiga compreensão das filosofias clássicas de que a guerra enquanto fato terrível e inefável possui uma profunda ligação com o sentido trágico da natureza humana, como também reconhecer que a guerra e os conflitos eram vistos pelos antigos filósofos como um fenômeno verdadeiro e característico da humanidade, sendo importante para se compreender a vida. Logo, através da exposição destas filosofias e dos pensamentos que circundam a nossa atualidade, pôde-se observar que estes pressupostos foram não só uma importante ponte para a construção dos pensamentos acerca da guerra, como também dos conceitos e entendimentos sobre a paz. Estes pressupostos tanto condicionaram os pensamentos atuais, como também levaram a óticas variadas, e estruturadas de forma isolada. Foram e ainda são importantes pois esclarecem sobre a essência da natureza humana, e sobre os significados que compõem os ideais de paz. A história dos estudos para a paz, apesar de ser um tema pouco abordado, demonstrou ter sido condicionado a diversos eventos ocorridos no decorrer dos tempos, e que por se tratarem especificamente de pensamentos voltados para a solução de guerras, e não para seu entendimento, deixaram de lado seu teor essencial, sua íntima ligação com a natureza humana.

Infelizmente, certos pensamentos dominantes sobre a paz parecem ser ideologicamente tendenciosos, visto que esses vieses distorcem a compreensão do que seja de fato a paz. Alcançar a paz é vencer uma guerra, uma guerra contra a própria natureza humana, uma guerra interna em cada indivíduo, pois estes possuem dentro si elementos caracteristicamente fascistas e que estão interiorizados no mesmo, o que descreve adequadamente determinados discursos intelectuais sobre a paz que se apresentam como verdades capazes de conduzir a humanidade à paz eterna. Nem todo mundo que usa a palavra "paz" quer a paz com liberdade e justiça. Hitler muitas vezes pediu paz, mas o que ele queria dizer com isso? significava a submissão à sua vontade. Logo, a paz pode ser, a paz advinda da limitação e da prisão.

O ideal de Kant exposto aqui, se colocou como uma limitação a sociedade, visto que a construção da ideologia da paz só se fez presente, pois ganhou esta posição em detrimento dos resultados de guerras, e estes conflitos foram o que determinaram o surgimento de teorias sociais, sendo estas resultado de uma visão de mundo dominante. Logo, é uma hipótese para a questão do 'significado vazio' de paz, pois se ao longo da história humana, as guerras têm sido a força que impulsionou o mundo, através da sobrevivência do mais apto, então a paz seria um outro meio de condução que leva a guerra. Como um eufemismo para criminalizar, proibir e substituir políticas, num disfarce para conduzir uma guerra por outros mecanismos, pois acreditar num mundo sem guerras é pura ilusão.

As guerras são tão antigas quanto a humanidade, e ao contrário do que se diz, é a paz uma invenção do homem, e não as guerras. Logo, tal invenção tornou-se uma construção social dominante, e esse viés ideológico tem um efeito negativo sobre o desenvolvimento social. O próprio Kant reconhecia em sua ideia uma utopia, então levar em consideração que até mesmo os filósofos da paz das gerações anteriores fossem tomados pelo sentido trágico da guerra, ignorando a paz, é de fato uma possibilidade. Nesse sentido, deve-se suspeitar que talvez a compreensão da relação entre guerra e paz tenha sido invertida e que os pensamentos sobre uma natureza pacífica sejam equivocada.

Com base então nas perspectivas identificadas em Hobbes, Maquiavel, Clausewitz e em toda essa extensa tradição da filosofia ocidental que localiza sua origem na concepção do caráter formativo da guerra, percebe-se que a sociedade poderia também ser melhor compreendida a partir de estudos profundos da guerra e não só dos estudos de paz. Isto porque a sociedade está baseada em relações de poder e tal poder são as relações de força. A guerra é uma fonte de significado para os seres humanos, como também é a paz, mesmo aparentando ser vazia de significados objetivos. Compreender isto é transpor os limites de uma construção social, é transcender valores, é expandir a consciência humana, e conduzi-la ao desenvolvimento social.

Considere que desde a antiguidade, a história revelou os ciclos de vida na relação entre a paz e a guerra, e que se a guerra traz a paz, a paz também traz guerra. Logo, se é fato que a paz foi sempre entendida como uma consequente manifestação da

guerra, esta fornece um bom entendimento acerca da paz. Portanto, conhecer a guerra é conhecer a paz.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES**. A Política**. 2. Ed. Brasília, DF Editora UnB. 1985.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. Poética. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. Os pensadores; Vol. 2.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Victor Civita, 1984. Os pensadores.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. 247 p.

BOBBIO, Norberto et al. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Editora Universidade de Brasília, 13ºed. 5º reimpressão. Volume 1. 2010.

BOBBIO, Norberto et al. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Editora Universidade de Brasília, 13ºed. 5º reimpressão. Volume 2. 2010.

BOULDING, Kenneth E. **A paz estável entre as nações: um processo de aprendizagem em TEPYS**. Tema da Economia, Paz e Segurança. Vol. 1, Nº1. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/tepys/01/keb>. Acesso em: 02/Outubro/2015

BOULDING, Kenneth. **"Defesa Nacional Através de paz estável."** *Instituto Internacional de Análise de Sistemas Aplicados*. Laxenburg, Áustria. 1983.

BOUTHOUL, Gasthon. **Avoir la paix**. Paris: Grasset, 1967.

BUENO, Silveira. **Dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Ed. FTD, 2007.

COX, Gray. **Os caminhos da paz: A Filosofia da Paz como Ação**. Imprensa Paulist. 1986.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da guerra**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do "homo violens".** Rio de Janeiro: DIFEL,1998.

FUNAG. **Diplomacia brasileira para a paz**. Clóvis Brigagão, Fernanda Fernandes, organizadores. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012. 292 p. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/Diplomacia_para_a_paz.pdf>. Acesso em: 01/Outubro/2015.

FREIRE, Maria Raquel. LOPES, Paula Duarte. Artigo: **Reconceptualising Peace and Violence: A Critical Analysis.** Revista Crítica de Ciências Sociais. Vol. 82. pp. 13-26. 2008.

GALTUNG, Johan. **Violence, Peace and Peace Research**, *In:* Journal of Peace Research. International Peace Research Institute, Oslo, Vol. 6(3), 1969, p. 167-191.

GALTUNG, Johan. Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization. Oslo: PRIO/London: Sage Publications, 1996.

GALTUNG, Johan. 50 Years - **100 Peace and Conflict Perspectives**. TRANSCEND Peace University, 2008.

GALTUNG, Johan. **Cultural Violence**. *In:* Journal of Peace Research, 27(3), 2010, p. 291-305.

GALTUNG, Johan. "**An Editorial", Journal of Peace Research**, 1964.

GALTUNG, Johan. **Twenty-Five Years of Peace Research: "Ten Challenges and Some Responses"**. Journal of Peace Research, 1985.

GALTUNG, Johan. **Cultural Violence; Journal of Peace Research**, 1990.

GALTUNG, Johan. **Introduction: peace by peaceful conflict transformation - the Transcend approach** in Charles Webel and Johan Galtung (org.) Handbook of Peace and Conflict Studies Abingdon: Routledge, 2007.

GALTUNG, Johan. **Essays in peace research**. Copenhague: Cristian Eglers, 1975.

GALTUNG, Johan. **Social cosmology and the concept of peace**. *Journal of Peace Research*, v. 18, n. 2, p. 183-199, 1981.

GALTUNG, Johan, Johan. **Violencia, guerra y su impacto**. Foro para filosofia intercultural, v. 5, 2004. Disponível em: <http://them.polylog.org/5/fgj-es.htm>. Acesso em: 01/Outubro/2015

GROTIUS, Hugo. **O direito da guerra e da paz.** Ed. Ijui, RS: 2005.

GUZMÁN, Vicente Martínez. **"Saber Hacer las Paces". Epistemologías de los Estudios para la Paz.** Nº 23, pp. 49-96, 2000.

HERÁCLITO. **Fragmentos sobre a natureza**. Trad. de José Cavalcante de Souza. Bari: Laterza, 1969.

HEGEL. G. W. F. - **Princípios da filosofia do direito**. Trad. Orlando Vitorino. Martins Fontes. São Paulo. 1997. (clássicos).

HOBBES, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Berliner; revisão da tradução Eunice Ostrensky - Ed. brasileira supervisionada por Eunice Ostrensky - São Paulo: Marlins Fontes - (Clássicos Cambridge de filosofia política), 2003.

HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Ed. Querido, Amsterdã. pp.115, 1947.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Tradução A. Mourão. Lisboa: Eds. 70, 179 p. 2004.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua. Um projeto filosófico.** Tradução A. Mourão. Coleção de textos clássicos de filosofia. Covilhã: Eds. 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão; 5ª ed. - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2001.

KERSTING, Wolfgang. **Hobbes, Kant, a paz universal e a guerra contra o Iraque**. Kant e-Prints – Vol. 3, n. 2, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: M. Claret, 2003.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política entre a nações: a luta pelo poder e pela paz.** Trad. Oswaldo Biato da edição revisada por Kenneth W. Thompson. Ed. Universidade de Brasília. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. São Paulo. 2003.

NYE Jr. Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. Trad. Henrique Amat Rêgo Monteiro; revisão técnica Janina Onuki; preparação Tereza Gouveia. São Paulo; Ed. Gente, 2009.

LOCKE. John. **Segundo Tratado Sobre o Governo Civil**. Clube do livro liberal. Trad. Magna Lopes/Marisa Lobo da Costa. Ed. Vozes. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Poder.** (1844-1900). Tradução do original alemão e notas Marcos Sinésio Fernandes; Francisco José Dias de Morais; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

OREND, Brian. **"War".** In Stanford Encyclopedia of Philosophy. p. 1-19. 2001.

PUREZA, José Manuel. **"O lugar do direito num horizonte pós-positivista",** Política Internacional, vol. 2, n 2 18, 79-91. 1998.

PUREZA, José Manuel. Cravo, Tereza. **Margem crítica e legitimidade nos estudos para a paz**. Revista Crítica de Ciências Sociais: Estudos para a Paz. Ed. 71. Pag.05-19. 2005.

PUREZA, José Manuel. **Estudos sobre a Paz e Cultura da Paz**. Revista Nação e Defesa. Nº 95/96. pp. 33-42. 2000.

PUREZA, José Manuel. **Os Estudos para a Paz como desafio crítico à tradição em Relações Internacionais**. Coimbra, 2009.

RAYMOND, Aron. **Paz e Guerra entre as nações**. Tradução de Sergio Bath. Editora Universidade de Brasília - Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. São Paulo, 2002. (Clássicos IPRI).

RAMSBOTHAM, Oliver. **The analysis of protracted social conflict: a tribute to Edward Azar.** Review of International Studies (2005), 31, 109–126.

RAMSBOTHAM, Oliver. WOODHOUSE, Tom. MIALL, Hugh. **Contemporany Conflict Resolution: The prevention, management and transformation of deadly conflicts.** Third Ediction. By Polity Press. 2011.

RICHMOND, Oliver P. **Critical Research Agendas for Peace: The Missing Link in the Study of International Relations.** Vol. 32, No. 2, 2007. Published by: Sage Publications, Inc. Disponível em URL: <http://www.jstor.org/stable/40645212>. Acesso em: 07/Novembro/2015

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **O contrato social: (Princípios do direito político) /** tradução de Antonio P. Machado; estudo crítico de Afonso Bertagnoli – 19º edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. **O fundamento das desigualdades entre os homens**. Trad. Maria Lacerda de Moura. Ed. Rindendo Castigat Mores. 1754. Fonte digital: <http://www.jahr.org.>. Acesso em: 13/Janeiro/2016

SALATINI, Rafael. **Reflexões sobre a paz.** Marília: Oficina Universitária; Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SCHNEIDER, Francis J. (1960) **"Man, the State and War"**, by Kenneth N. "Waltz," Indiana Law Journal: Vol. 35: Iss. 2, Article 12. Disponível em: <http://www.repository.law.indiana.edu/ilj/vol35/iss2/12>. Acesso em: 21/Dezembro/2015

SHARP, Gene. **The politics of nonviolent action, part 1: power and struggle.** Boston: Porter Sargent Publishers, 1973.

SHARP, Gene. **The politics of nonviolent action, part 2: the methods of nonviolent action.** Boston: Porter Sargent Publishers, 1973.

SHARP, Gene. **The politics of nonviolent action, part 3: the dynamics of nonviolent action.** Boston: Porter Sargent Publishers, 1973.

SOUSA, Fernando. **Dicionário de Relações Internacionais**. Ed. Afrontamento/CEPESE. Coleção: Dicionários/2. 2005.

UNESCO. **Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256 p.

WALTZ, K.N. (1954). **Man, The state and War**. The theoretical Analysis, Columbia University Press, New York. 2001.

WEBEL, Charles. **Introduction-Toward a philosophy and metapsychology of Peace**. Handbook of peace and conflict studies / edited by Charles Webel and Johan Galtung. 2007.

W.B., Gallie. **Os filósofos da Paz e da Guerra.** Editora Artenova S/A. Trad. Silvia Rangel. Rio de Janeiro.1979.